

Dr. José Luis de Portela (IPO) ao «TM»:

Cuidados paliativos em Portugal ainda estão em fase embrionária

«Excluindo o IPO, que tem uma unidade perfeitamente estabelecida, tudo o que até agora se fez em Portugal, no campo do tratamento da dor, nunca passou de embrião» - afirmou ao «TM», em Barcelona, o Dr. José Luís Rodrigues de Portela, Director do Departamento de Anestesia do Instituto Português de Oncologia (Centro de Lisboa), que inclui as unidades de Anestesia, de Cuidados Intensivos e de Tratamento da Dor

O Dr. Luís Portela, igualmente Director da Unidade de Tratamento da Dor do IPO, prestou declarações ao «TM» por ocasião do IV Congresso Europeu e I Espanhol de Cuidados Paliativos, na capital catalã, no âmbito dos quais foi lançada a campanha apoiada pela OMS «Para um hospital sem dor» (já em desenvolvimento na Suíça e em França) e que vai ser implementada também, em Espanha e Portugal. Sobre a situação portuguesa no domínio dos cuidados paliativos, para além de ter referido a «pouca expressão destas coisas em Portugal» e de ter salientado algumas excepções, como o Instituto Português de Oncologia (incluindo os centros de Lisboa e do Porto) e «um pouco em Coimbra», disse que, na capital nortenha, o Dr. Nestor Rodrigues teve «algum papel» na dinamização desses cuidados. Este médico, que durante muitos anos foi o responsável pelo Departamento de Tratamento da Dor, no centro do Porto do IPO, é actualmente Presidente da Associação Portuguesa para o Estudo da Dor.

«Problemas que não temos»

E, no que respeita ao país vizinho, o Dr. Luís Portela afirmou, também, que, com excepção da região autónoma da Catalunha, a

Espanha «está quase ao mesmo nível que nós e pouco mais fez. Mas já tem alguns projectos em estudo».

Disse, igualmente, que os espanhóis «enfrentam problemas que nós não temos». Exemplos: «Aqui, particularmente, os cuidados paliativos e a dor estão um pouco em litígio porque as clínicas de dor começaram primeiro e, hoje em dia, ninguém trata apenas a dor, mas todos os sintomas associados. Portanto, as clínicas da dor começaram muito cedo e estão em representação do nosso país, porque ninguém me passou um mandato para tal, mas do hospital em que trabalho (IPO), que tem uma tradição exactamente neste campo, visto que nós, desde 1978, criámos a Consulta da Dor, aliás a Unidade de Tratamento da Dor. E um dos objectivos dessa unidade é não só tratar os doentes que a ela acorrem, mas, também, manter uma acção didáctica, quer junto dos médi-

cos e do restante pessoal do hospital, quer junto dos clínicos gerais» de outros estabelecimentos.

No que se refere a essas actividades, disse: «Nós temos desenvolvido uma acção, que julgo bastante importante, junto dos clínicos gerais da Zona Sul; temos praticamente colaborado em todos os cursos de formação e, neste momento (julgo eu), somos até certo ponto responsáveis por uma melhoria considerável no atendimento aos doentes, particularmente no alívio da dor e no aumento do consumo de analgésicos, na investigação das morfina-

De referir o facto de o pro-

grama «Por um hospital sem dor» se tornar, agora, extensivo a países de nível de desenvolvimento diferente é, segundo o responsável do Departamento de Saúde da OMS, «útil porque possibilita um pouco a percepção de como tudo se vai passar».

As acções do IPO

O Dr. José Luís de Portela afirmou ter sido «contactado pelo Dr. Pascual» (que vai coordenar os grupos de trabalho de Espanha e Portugal) para se integrar num deles, «não em representação do nosso país, porque ninguém me passou um mandato para tal, mas do hospital em que trabalho (IPO), que tem uma tradição exactamente neste campo, visto que nós, desde 1978, criámos a Consulta da Dor, aliás a Unidade de Tratamento da Dor. E um dos objectivos dessa unidade é não só tratar os doentes que a ela acorrem, mas, também, manter uma acção didáctica, quer junto dos médi-

«Temos praticamente colaborado em todos os cursos de formação e, neste momento (julgo eu), somos até certo ponto responsáveis por uma melhoria considerável no atendimento aos doentes, particularmente no alívio da dor e no aumento do consumo de analgésicos, na investigação das morfina-



Dr. José Luis de Portela: «As morfina de libertação lenta vieram revolucionar extraordinariamente o panorama do apoio aos doentes oncológicos nos estados avançados»

«Estes programas, como aliás foi sublinhado em algumas das sessões dos congressos, são difíceis de concretizar e, às vezes, podem constituir autênticas provocações. Isto porque, quando nos envolvemos em algo deste tipo, parece que estamos a pôr em questão a capacidade de os outros resolverem os problemas»

particularmente no alívio da dor e no aumento do consumo de analgésicos, na investigação das morfina, etc.» Refira-se que esses grupos de trabalho voltam a reunir-se em Fevereiro de 1996, já com dados concretos, para o acerto (e divulgação) de posições, que permitirão o arranque do programa. E quanto à probabilidade de o Instituto Português de Oncologia vir a ser o primeiro (ou um dos primeiros) estabelecimentos de saúde portugueses a adoptar o programa «Para um hospital sem dor», o Dr. José Luís de Portela afirmou o seguinte: «Talvez. Estes programas, como aliás foi sublinhado em algumas das sessões dos congressos, são difíceis de concretizar e, às vezes, podem constituir autênticas provocações. Isto porque, quando nos envolve-

mos em algo deste tipo, parece que estamos a pôr em questão a capacidade de os outros resolverem os problemas. Mas é evidente que eu sempre fui um pouco dado aos desafios e creio ser interessante (vou pensar nisso) avançar com uma campanha, senão deste tipo pelo menos muito parecida».

O apoio farmacêutico

Inicialmente lançada na Suíça e em França, com um forte apoio da Organização Mundial de Saúde, a campanha «Para um hospital sem dor» é, concretamente, patrocinada pela Asta Médica. «Na verdade - segundo o Director do Departamento de Anestesia do IPO - o apoio dos laboratórios é importante porque há a parte do marketing, que implica a edição de brochuras e outros papéis, e os serviços hospitalares, actualmente, não dispõem de verbas para isso. É evidente que as empresas farmacêuticas interessadas neste problema não são ingenuas e, dispondo, certamente, de produtos para o tratamento da dor, asseguram, também, os seus interesses comerciais. Mas isso é natural. No caso da Asta Médica Portuguesa é importante referir que, no âmbito do grupo a que está ligada, lançou um produto extremamente importante no tratamento da dor. Trata-se das morfina de libertação lenta». E acrescentou que «esse tipo de morfina veio revolucionar extraordinariamente o panorama do apoio aos doentes oncológicos nos estados avançados».

Jorge Ferreira, em Barcelona